

NO MERCADO EXTERNO, AS RECENTES SINALIZAÇÕES DO FED ADICIONARAM DÚVIDAS QUANTO AO AUMENTO DOS JUROS, ATÉ ENTÃO ESPERADO PELO MERCADO PARA DEZEMBRO. ESSE MOVIMENTO, COMBINADO COM A ATUAÇÃO EXPANSIONISTA DOS BANCOS CENTRAIS EUROPEUS E ASIÁTICOS, MANTÉM O AMBIENTE DE ELEVADA LIQUIDEZ, O QUE FAVORECE AS ECONOMIAS EMERGENTES.

NO PLANO DOMÉSTICO, OS RESULTADOS DO IPCA CONFIRMARAM A DESACELERAÇÃO DOS PREÇOS DE ALIMENTOS E SERVIÇOS E REFORÇARAM AS APOSTAS PARA O INÍCIO DO CICLO DE REDUÇÃO DA META PARA A SELIC.

NO SEGMENTO DE RENDA FIXA, A POSSIBILIDADE DE QUEDA DOS JUROS ACENTUOU A VALORIZAÇÃO DOS ATIVOS, O QUE SE REFLETIU NA INDÚSTRIA DE FUNDOS, QUE MESMO ASSIM REGISTROU RESGATE LÍQUIDO EM SETEMBRO. JÁ NO MERCADO DE CAPITAIS, AS CAPTAÇÕES EXTERNAS VÊM SE CONSOLIDANDO COMO A PRINCIPAL FONTE DE RECURSOS DAS EMPRESAS DOMÉSTICAS EM 2016.

RENDA FIXA

Desaceleração do IPCA fortalece aposta de corte de juros »

O resultado da inflação de setembro intensificou os ajustes nas curvas de juros no mercado de títulos públicos e de debêntures, na expectativa do primeiro corte da Selic desde outubro de 2012.

MERCADO DE CAPITAIS

Ofertas internacionais são a principal fonte de *funding* »

As captações internacionais com títulos de dívida pelas companhias brasileiras alcançaram US\$ 19 bilhões até setembro e já respondem por 62% de todo o *funding* de 2016.

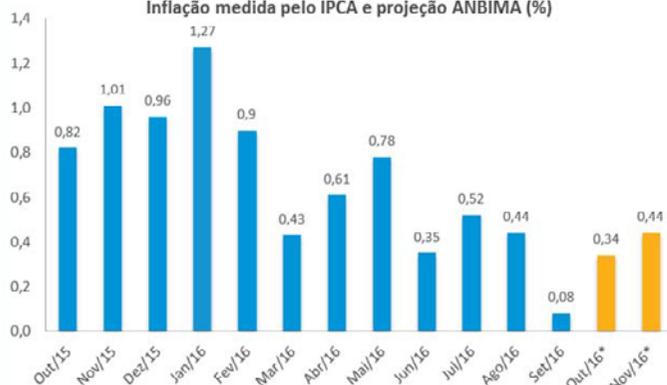
FUNDOS DE INVESTIMENTO

Indústria acumula maior captação líquida desde 2013 »

Mesmo tendo registrado resgate líquido de R\$ 10,4 bilhões no mês, a indústria de fundos acumula captação líquida de R\$ 73,6 bilhões de janeiro a setembro, o maior resultado desde 2013.

Varição do IPCA em setembro surpreende mercado

Inflação medida pelo IPCA e projeção ANBIMA (%)



(*) Projeção ANBIMA realizada em 07/10/2016.
Acumulado 12 meses: 7,35% (com a projeção nov/16)
Fontes: ANBIMA e IBGE.

IPCA reforça expectativa de início de corte de juros

- Dalton Boechat

► **Inflação medida pelo IPCA em setembro, 0,08%, ficou abaixo da esperada pelo mercado**

► **Fechamento das taxas de juros alavanca rentabilidades do IRF-M 1+ e IMA-B5+ no mês e no ano**

► **Comitê Macro da ANBIMA projeta inflação para 2016 e 2017 em 7% e 4,98%, respectivamente**

A queda da inflação em setembro, medida pelo IPCA, e maior do que a esperada pelo mercado, consolidou entre os agentes a expectativa de que o início de redução da meta da taxa Selic deve ocorrer já na próxima reunião do Comitê de Política Monetária nos dias 19 e 20 de outubro. O anúncio de redução dos preços dos combustíveis pela Petrobras, na semana anterior à decisão do Copom, reforçou as apostas ao contribuir para a melhoria do

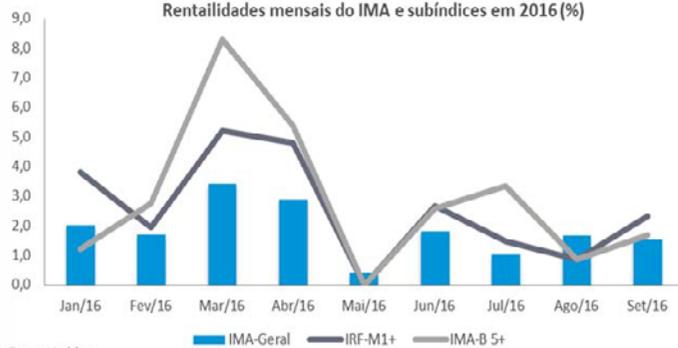
balanço inflacionário para o restante do ano. Desde antes da divulgação do IPCA 15 no dia 22/9, que capturou alta de 0,2% dos preços, as curvas de juros já apresentavam trajetória de queda, que impulsionou a valorização dos títulos públicos e privados e se estendeu pelas duas primeiras semanas de outubro após a confirmação do IPCA fechado para setembro, 0,08%, o menor desde julho de 2014. Apesar do arrefecimento da inflação e a previsão de forte queda no PIB este ano (3,19%, segundo o Relatório Focus, do BC), não houve mudança na expectativa dos agentes de que o corte da taxa básica ainda seja bastante gradual.

O resultado do IPCA levou o Comitê Macro da Associação a projetar a variação do índice para 0,34% em outubro e 0,44% em novembro. Para o ano, a previsão é de alta de 7% e para 2017 a taxa esperada é de 4,98%, com a inflação em trajetória convergente mas ainda acima do centro da meta de 4,5% ao ano.

Os índices de mercado do segmento de renda fixa refletiram o fechamento das curvas e o IMA- Geral teve alta de 1,53% em setembro, puxada pelo IRF-M 1+, composto por uma carteira teórica de títulos públicos prefixados com vencimento

IRF-M 1+ e IMA-B 5+ são destaques no mês

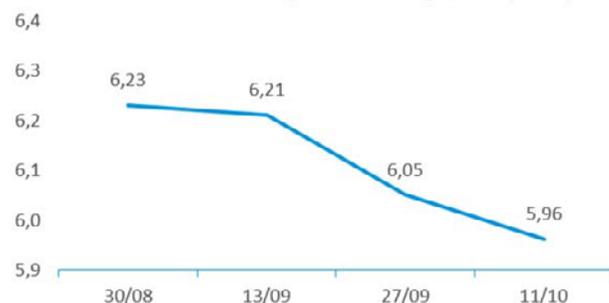
Rentabilidades mensais do IMA e subíndices em 2016 (%)



Fonte: Anbima.

Taxas do leilão de NTN-B reduzem 27 pontos-base

Taxa média de colocação da NTN-B ago/2021 (% a.a.)



Fonte: Tesouro Nacional.

Cresce volume de negócios com prefixados

Volume Negociado de Títulos Públicos Prefixados (R\$ bilhões)



Fontes: Anbima e Selic.

acima de um ano, com alta de 2,33%, e pelo IMA-B 5+, referenciado em títulos indexados ao IPCA com prazo superior a cinco anos, com alta de 1,67% no período.

No ano, esses dois subíndices do IMA também são destaque com altas de 25,03% e 28,05%, respectivamente, sendo superados apenas pela variação de 29,53% do Ibovespa no período, tomando como referência os principais indicadores financeiros do mercado.

O fechamento da curva de juros também favoreceu o governo nos leilões de títulos públicos prefixados e indexados ao IPCA, com os agentes aceitando taxas menores do que as observadas nos leilões tradicionais de agosto. As LTN com vencimento em 1/7/2020 foram vendidas pelo Tesouro à taxa de 11,56% no último leilão de setembro contra a de 12,11% da última oferta de agosto para o mesmo vencimento. Em relação às NTN-Bs, o vencimento 15/5/2021 teve queda de 20 pontos-base na taxa média dos leilões realizados em 30/8 e 27/9, de 6,23% para 6,05%, respectivamente. Já nas ofertas de LFT, remuneradas pela taxa Selic, a previsão de normalização da política monetária vem ampliando o deságio pedido pelo mercado para compra desses

▶ **IMA-B 5+ acumula 28,05% e só fica abaixo do Ibovespa no ano**

▶ **Mercado aceita taxas mais baixas no leilão de títulos públicos**

▶ **Volume do secundário de prefixados em setembro é o maior do ano**

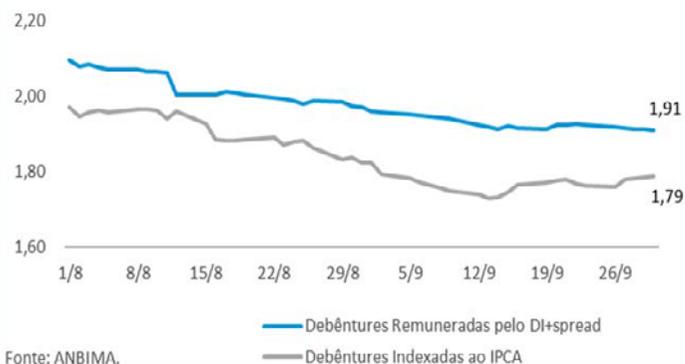
papéis nos leilões, que passou de 0,0527% em 18/8 para 0,594% ao ano na oferta do dia 29/9.

Esses movimentos se intensificaram nos primeiros leilões de outubro, com a LTN e a NTN-B vendidas a 11,4% e 5,96%, respectivamente, e a taxa da LFT acima de 0,6% na oferta do último dia 13/10.

Neste ambiente, a negociação de prefixados no mercado secundário de títulos públicos foi a maior do ano, alcançando volume de R\$ 335,1 bilhões, também influenciado pela recomposição da carteira de LTN, muito comum nos meses que antecedem a vencimentos expressivos desses papéis em mercado (em outubro foram R\$ 110 bilhões).

Caem os prêmios no secundário de debêntures

Spreads das carteiras de debêntures do IDA (%)



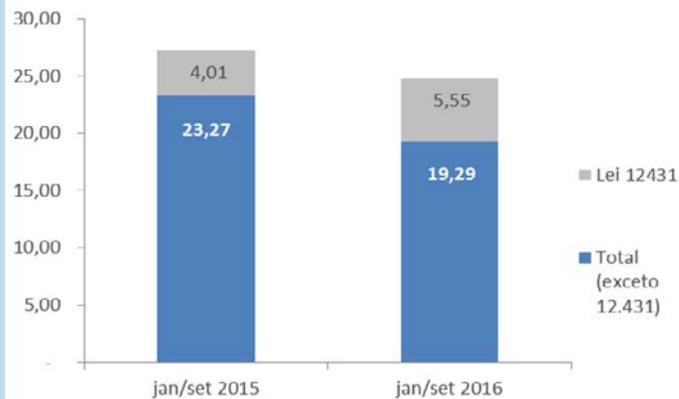
Fonte: ANBIMA.

O ajuste na trajetória de juros dos últimos meses foi ainda capturado pelos títulos de emissão privada, como é o caso das debêntures. Os spreads médios sobre a curva de títulos públicos calculados pela ANBIMA para os ativos referenciados em DI e IPCA passaram de 2,1% para 1,91% e 1,97% para 1,79%, respectivamente, entre agosto e setembro, mesmo em uma conjuntura desfavorável às empresas emissoras devido ao forte quadro recessivo da atividade econômica.

O fechamento das taxas ainda assim não estimulou o aumento nos volumes negociados de debêntures, à exceção das emissões 12.431. O valor transacionado no mercado secundário de debêntures teve queda de quase 9% nos primeiros 9 meses de 2016 em relação ao mesmo período de 2015. Já o número de negócios subiu 36,9%, puxado pelas debêntures incentivadas, voltadas para o financiamento de projetos de infraestrutura, que registraram alta de 46,8%, na mesma base de comparação. A liquidez desses ativos tem se situado acima da média do mercado, com alta de 38,22% nos três primeiros trimestres de 2016, quando passou a responder por 22,3% do total dos negócios contra 14,7% do mesmo período de 2015.

Aumenta parcela de negócios com debêntures 12.431

Volume negociado de debêntures (R\$ bilhões) (*)



(*) exceto debêntures de leasing - Fonte: www.debentures.com.br

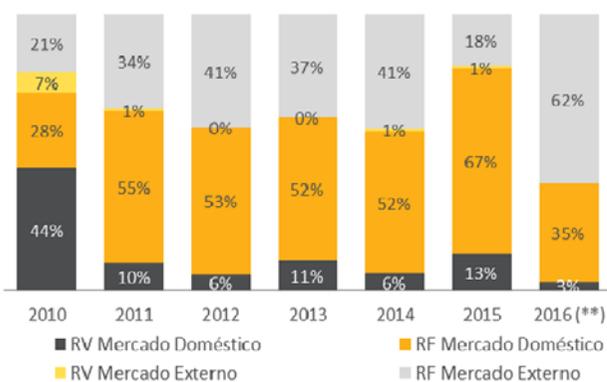
► **Taxas do mercado secundário de debêntures têm queda no período**

► **Volume negociado no secundário com debêntures 12.431 sobe 38,22%**

► **CMN restringe compromissadas com debêntures de leasing**

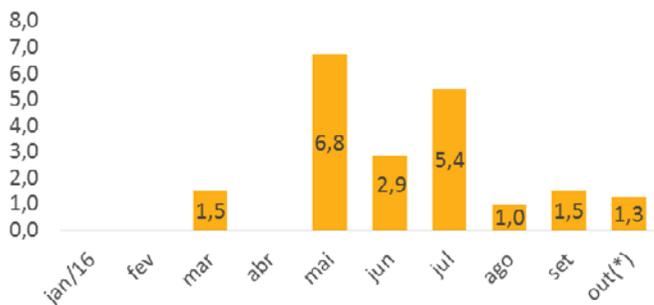
Em relação às debêntures de leasing, que não estão incluídas nas estatísticas das emissões corporativas aqui analisadas, vale registrar a edição em setembro da Resolução nº 4.527, pelo Conselho Monetário Nacional, que vedou a realização de operações compromissadas com esses ativos a partir de 2018 e limitou os montantes de renovação dessas operações em mercado de forma gradativa até a data final definida na norma. Com estoque de R\$ 463 bilhões em mercado ao final de setembro e um giro no secundário (para efetivação das operações compromissadas) no montante de R\$ 197 bilhões em 2016, a expectativa é de que os recursos alocados nessas operações migrem para os demais instrumentos de captação bancária.

Ofertas externas têm peso relevante nas captações Perfil de captação das empresas brasileiras* (%)



Fonte: ANBIMA. Obs: (*) Calculado com o dólar médio de cada período. (**) Até setembro.

Empresas seguem captando recursos com *bonds* Ofertas Internacionais de Renda Fixa (US\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA. (*) Até o dia 14.

Ofertas internacionais são a principal fonte de *funding*

• Vivian Corradin

- ▶ **Captações externas respondem por 62% dos recursos levantados pelas companhias brasileiras em 2016**
- ▶ **Avanço das operações com *bonds* sinaliza melhora da percepção de investidores externos no segmento de dívida corporativa**
- ▶ **Empresas lideram ofertas internacionais, com ausência de operações de instituições financeiras em 2016**

Em 2016, as captações internacionais responderam pela maior parte do *funding* das companhias brasileiras. O volume total de operações no mercado externo, até setembro, alcançou US\$ 19 bilhões, com as recentes operações da Minerva, que movimentou US\$ 1 bilhão, e da BRF, com volume de US\$ 500 milhões. Em outubro, mais duas companhias acessaram o mercado internacional: a Votorantim Cimentos, que realizou uma captação de US\$ 500 milhões, e a Ultrapar, com uma operação de US\$ 750 milhões. Convertido para reais, e com a influência da valorização do dólar em 2016, o volume corresponde a R\$ 71,5 bilhões, o que

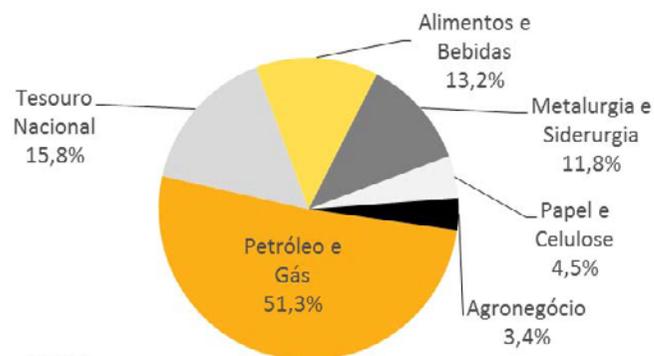
supera o total das captações corporativas realizadas no mercado doméstico no mesmo período, nos segmentos de renda fixa e de renda variável, que foi de R\$ 52,4 bilhões. Considerando as operações de outubro, as captações externas em 2016, em dólares, registraram um crescimento de 151,3% em relação ao total registrado em todo o ano de 2015, embora ainda esteja aquém do montante captado no ano de 2014, que foi de US\$ 45,5 bilhões.

A retomada das captações internacionais reflete a melhora da percepção dos investidores estrangeiros em relação ao país, no segmento de dívida corporativa, e a atratividade dos ativos brasileiros – especialmente aqueles ligados a companhias com bons níveis de risco – em um contexto de elevada liquidez e taxas de juros ainda muito baixas nos principais mercados centrais, o que estimula a busca por maiores rendimentos.

Vale destacar que, até setembro de 2016, as empresas responderam por 84,2% da captação internacional, seguidas pelo Tesouro Nacional, com operações equivalentes a 15,8% do total. Enquanto isso, no período, não houve nenhuma captação por parte de instituições financeiras ou por parte de bancos de desenvolvimento. O setor que mais captou recursos no mercado externo foi o de

Empresas respondem por 84% das captações externas

Perfil das Ofertas Internacionais por Setores em 2016 (%)



Fonte: ANBIMA.

Petróleo e Gás, com participação de 51,3% do total, seguido pelos setores de Alimentos e Bebidas, com 13,2%, e de Metalurgia e Siderurgia, com 11,8%. Os setores de Agronegócio e de Papel e Celulose também realizaram emissões internacionais, com participações menores, de, respectivamente, 4,5% e 3,4% do total.

As captações domésticas permanecem descoladas do dinamismo observado no mercado internacional. Desde o início do ano, o volume das ofertas locais com títulos de renda fixa e ações vem apresentando desaceleração, movimento que continuou no mês de setembro.

No segmento de renda variável, o volume de operações caiu de R\$ 17,4 bilhões para R\$ 6,7 bilhões nos primeiros nove meses de 2016, relativamente ao mesmo período de 2015. Como já apontado em versões anteriores do Panorama ANBIMA, segue em destaque a distribuição de ações com esforços restritos. Desde o início do ano, das sete captações com ações, seis foram realizadas por intermédio da Instrução CVM 476, com volumes que variam de R\$ 2,6 bilhões, da operação da Rumo Logística, até R\$ 190,5 milhões, da captação do Banco Mercantil de Investimentos. A única operação via ICVM 400 em 2016 até o momento foi a da Energisa, que movimentou R\$ 1,5 bilhão.

► **Captações domésticas seguem com baixo dinamismo no ano**

► **Investidores institucionais lideram subscrições de ações**

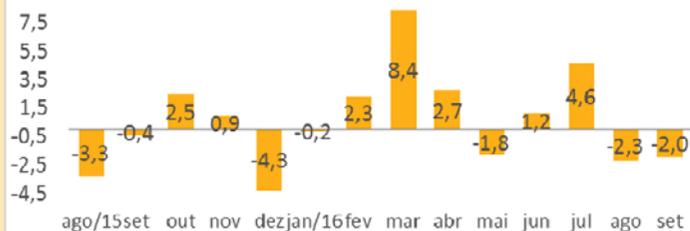
► **Estrangeiros têm saída líquida de recursos no secundário da Bolsa**

Contudo, no início de outubro, mais duas ofertas estão em processo de análise na CVM para distribuição pública com esforços amplos: as da Log Commercial Properties e Participações e do Centro de Imagem Diagnósticos.

Nas operações com ações encerradas até agosto de 2016, os investidores institucionais e estrangeiros responderam, respectivamente, por 51,5% e 46% das subscrições, enquanto as pessoas físicas seguem com participação reduzida, de apenas 2,5% do total. Apesar da elevada participação dos estrangeiros no ano, setembro foi o segundo mês consecutivo – e o quarto mês em 2016 – em que esses investidores apresentaram saldo negativo em suas operações de compra e venda no mercado secundário de ações. As movimentações nesse mês foram negativas em quase R\$ 2 bilhões, mas o total acumulado em 2016 está positivo em R\$ 13 bilhões.

Mês registra saída de estrangeiros da Bolsa

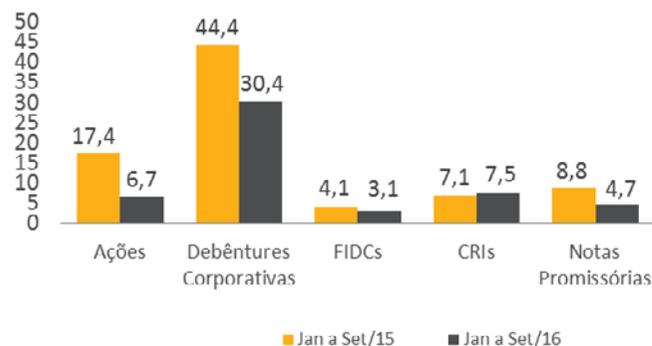
Saldo Líquido de Estrangeiros na BM&FBovespa (R\$ bi)



Fonte: BM&FBOVESPA.

CRI é o único instrumento com crescimento

Valores Mobiliários Domésticos no Período (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA.

Em setembro, as operações corporativas de renda fixa somaram apenas R\$ 734 milhões, acumulando no ano uma captação de R\$ 45,7 bilhões. O resultado representa uma queda de 29,2% em relação ao mesmo período de 2015. Entre os instrumentos, as notas promissórias apresentaram a maior retração no período, com queda de 46,8%, seguidas das debêntures e dos FIDCs, com recuo de 31,6% e 25,15%, respectivamente. Os únicos ativos do segmento com variação positiva foram os CRIs, ainda assim com um crescimento modesto, de apenas 5,8%, na mesma base de comparação.

Em setembro, foi distribuída apenas uma debênture de infraestrutura emitida com base na Lei nº 12.431/11, a da Matrincha Transmissora de Energia S.A., com volume de R\$ 180 milhões. Com esse ativo, as captações com debêntures incentivadas chegam a R\$ 1,6 bilhão, volume bem aquém dos R\$ 5 bilhões ofertados nos anos de 2015 e 2014.

Nesse sentido, mereceu destaque a publicação, no dia 11 de outubro, do aguardado Decreto nº 8.874/16, que regulamenta novas condições para a aprovação dos projetos de investimento considerados prioritários na área de infraestrutura e de produção econômica intensiva em pesquisa, desenvolvimento e

► **Captações locais no segmento de renda fixa têm queda de 29,2% no ano**

► **Ofertas de debêntures incentivadas são de apenas R\$ 1,6 bilhão em 2016**

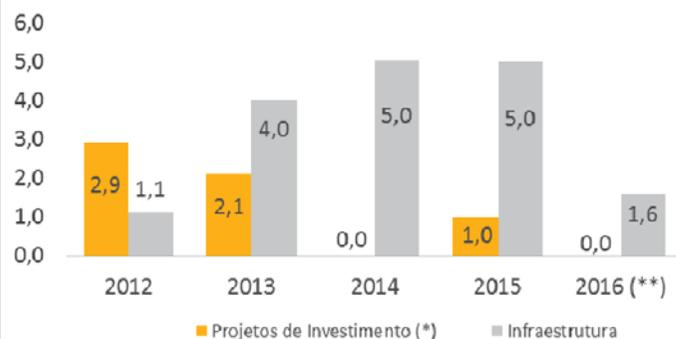
► **Decreto amplia escopo para enquadramento de projetos na Lei 12.431**

inovação, para efeito de enquadramento dos ativos no art. 2º da Lei nº 12.431/11.

O novo normativo, que revoga o Decreto nº 7.603/11, passa a considerar automaticamente como prioritários, para os fins da lei de incentivo, os projetos objetos de processo de concessão, permissão, arrendamento, autorização ou parceria público-privada, assim como aqueles que venham a integrar o Programa de Parcerias de Investimentos - PPI, de que trata a Lei nº 13.334/16. O novo decreto também passa a permitir que os recursos captados sejam utilizados para cobrir as despesas de outorga dos projetos. Com essas medidas, aumentam as expectativas de que o volume de captações com ativos isentos volte a apresentar crescimento em 2017.

2016 tem baixo volume de ativos incentivados

Debêntures da Lei 12.431 por ano de emissão (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA (*) Isenção exclusiva para estrangeiros. (**) Até setembro.

Multimercados Macro são destaque no mês

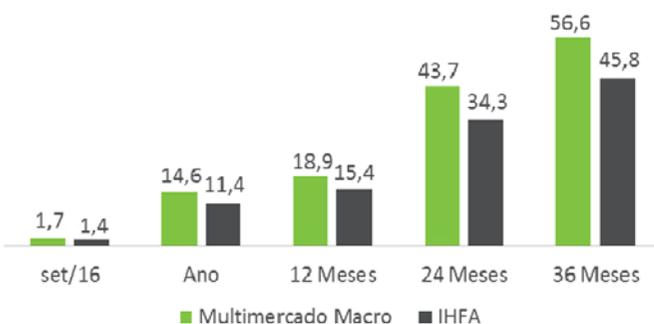
Rentabilidades (%) - Fundos e Indicadores Selecionados

| Tipo | Setembro | Ano | 12m |
|---------------------------------------|----------|--------|--------|
| Renda Fixa Indexados | 1,43 | 14,40 | 19,30 |
| Renda Fixa Duração Baixa Grau de Inv. | 1,12 | 10,50 | 14,30 |
| Renda Fixa Duração Alta Grau de Inv. | 0,95 | 13,40 | 18,80 |
| Renda Fixa Duração Alta Soberano | 1,31 | 19,20 | 24,80 |
| Multimercados Macro | 1,74 | 14,60 | 18,90 |
| Multimercados Long Short Neutro | 0,89 | 16,10 | 19,90 |
| Ações Livre | 0,02 | 24,00 | 23,50 |
| Ações Índices Ativo | 0,67 | 28,80 | 25,20 |
| Cambial | 0,63 | -16,30 | -16,50 |
| IMA-GERAL | 1,53 | 17,70 | 22,10 |
| IMA-B | 1,57 | 22,00 | 28,40 |
| IHFA | 1,39 | 11,39 | 15,40 |
| Ibovespa | 0,80 | 34,64 | 29,50 |
| Dólar | 0,18 | -16,87 | -11,10 |

Fonte: ANBIMA, BMF&Bovespa e Banco Central

Multimercados Macro mostram retornos consistentes

Retorno acumulado dos fundos Multimercados Macro e IHFA (%)



Fonte: ANBIMA

Indústria acumula maior captação líquida desde 2013

• Antônio Filgueira

► **Renda Fixa Indexados captura valorização de títulos de longo prazo e é destaque de rentabilidade em sua classe**

► **Fundos com carteiras compostas exclusivamente por ações da Petrobras lideram rentabilidades na classe Ações**

► **Multimercados Macro valorizam 1,74% no mês, acumulando a segunda maior rentabilidade de sua classe no ano**

A expressiva valorização dos títulos públicos prefixados e indexados de longo prazo, observada em setembro e expressa na alta de 1,53% do IMA-Geral, se refletiu nos fundos cujas carteiras possuem esse perfil. É o caso do tipo Renda Fixa Indexados, que tem como objetivo acompanhar as variações de indicadores de referência do mercado de renda fixa, e que apresentou alta de 1,43%, sendo destaque de rentabilidade no mês entre os fundos com PL relevante em sua classe. O bom desempenho se repete nas valorizações

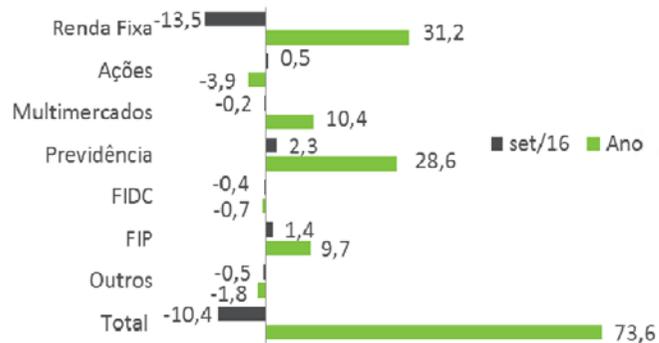
acumuladas por esses fundos no ano e em 12 meses, de 14,40% e 19,30%, respectivamente, superadas neste horizonte de prazo somente pelas altas de 19,20% e 24,80% do tipo Renda Fixa Duração Alta Soberano, que valorizou 1,31% em setembro.

No mercado de renda variável, a expressiva valorização de algumas ações acima do Ibovespa, sobretudo da Petrobras, segue determinante para as rentabilidades dos fundos de ações. Assim, mesmo diante do menor ritmo de valorização do Ibovespa em setembro (alta de 0,80%), o tipo FMP-FGTS, fechado para captação, e o tipo Mono Ação, ambos com a maior parte dos fundos com carteiras compostas exclusivamente por ações da Petrobras, foram destaque de rentabilidade no mês, com altas de 3,52% e 2,73%, respectivamente. Esses fundos também acumulam as maiores rentabilidades no ano, respectivamente de 56,2% e 52,7%, superadas, apenas, pela valorização de 60,9% do tipo Ações Setoriais, cujo PL é concentrado em dois fundos dedicados ao setor de energia.

Na classe Multimercados, o tipo Macro parece seguir capturando o cenário de valorização dos ativos de risco observado ao longo do ano. Destaque de rentabilidade em setembro, com

Indústria registra resgate líquido no mês

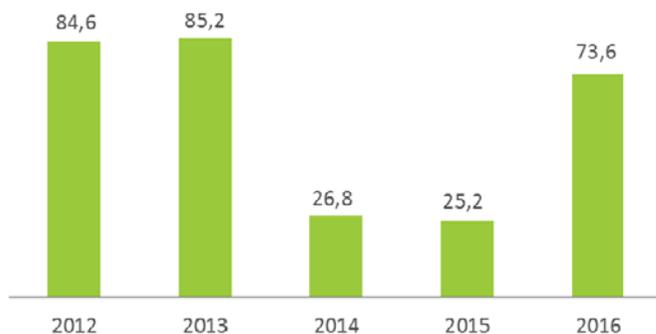
Captação Líquida por classe em setembro e no ano (R\$ bilhões)



Fonte: ANBIMA

Captação líquida acumulada é a maior desde 2013

Captação Líquida acumulada entre janeiro e setembro (R\$ bi)



Fonte: ANBIMA

valorização de 1,74%, esses fundos, que realizam operações em diversas classes de ativos e possuem estratégias de investimento com base em cenários macroeconômicos de médio e longo prazos, acumulam a segunda maior rentabilidade em sua classe no ano (14,63%) superada apenas pelo tipo Long and Short Neutro, que apresentou retorno de 16,06%. Vale destacar que a rentabilidade dos Multimercados Macro vem superando a variação do IHFA - Índice de Hedge Funds da ANBIMA em diferentes janelas de tempo.

Apesar dos melhores retornos, e após registrar captação líquida expressiva em julho e agosto, a indústria de fundos apresentou resgate líquido de R\$ 10,4 bilhões em setembro. O resultado foi fortemente influenciado pela saída líquida de R\$ 13,5 bilhões em fundos de Renda Fixa, concentrada em apenas dois fundos pertencentes aos segmentos Poder Público e Corporate, não representando, dessa forma, uma tendência para os próximos meses. Por outro lado, a captação líquida de R\$ 511 milhões em fundos de Ações, apesar de pequena, configurou o segundo mês consecutivo com saldo positivo para essa classe de fundos, o que não ocorria desde os meses de maio e junho de 2013. Esse movimento parece sinalizar um maior apetite a risco por parte dos investidores,

► **Indústria registra resgate líquido de R\$ 10,4 bilhões, concentrado em Renda Fixa**

► **Fundos de Ações registram captação líquida pelo segundo mês consecutivo**

► **Renda Fixa lidera captação no ano, com R\$ 31,2 bilhões**

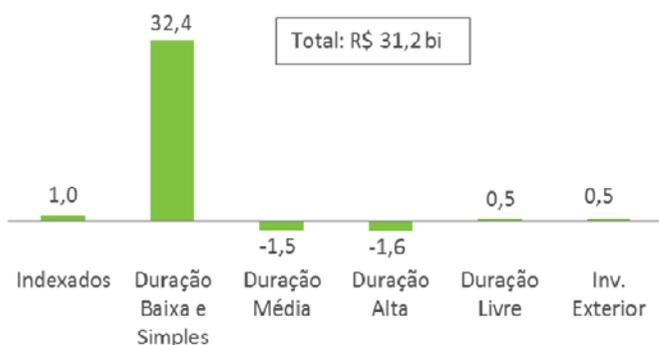
face à recuperação do mercado acionário no ano.

Mesmo diante do resgate registrado em setembro, a classe Renda Fixa ainda lidera a captação no ano, com ingresso líquido de R\$ 31,2 bilhões, seguida pelas classes Previdência, Multimercados e Participações, com R\$ 28,2 bilhões, R\$ 10,4 bilhões e R\$ 9,7 bilhões, respectivamente. Apenas as classes Ações e FIDC ainda acumulam resgates líquidos no ano.

Diante desses resultados, a indústria de fundos acumula ingresso líquido de R\$ 73,6 bilhões no ano, o maior resultado desde 2013, quando alcançou R\$ 85,2 bilhões no mesmo período. Com isso, ainda que a indústria venha a registrar resgate líquido no último trimestre em valor próximo à média observada nos últimos três anos para o período, de R\$ 22,3 bilhões, a captação líquida acumulada em 2016 tende

Captação é concentrada em fundos de Duração Baixa

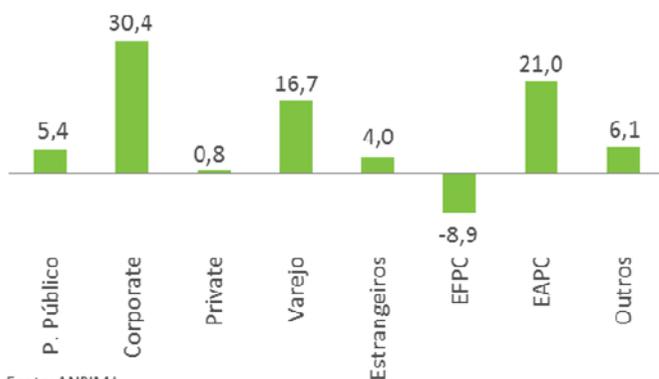
Captação Líquida no ano dos Fundos de Renda Fixa (R\$ bi)



Fonte: ANBIMA

Investidores Corporate lideram captações no ano

Captação Líquida no ano até agosto - por investidor (R\$ bi)



Fonte: ANBIMA

a superar os resultados registrados em 2014 e em 2015.

Com base na classificação de fundos da ANBIMA, em vigor há um ano, é possível notar que os tipos de baixa duração (Soberano, Grau de Investimento e Crédito Livre), juntamente com o tipo Simples, concentram praticamente todo o ingresso líquido de recursos em fundos dessa classe no ano (veja gráfico). Assim, mesmo diante da expressiva valorização dos títulos de renda fixa em 2016, sobretudo aqueles de longo prazo, esse resultado evidencia um conservadorismo no direcionamento das aplicações.

Dados relativos à captação líquida por investidor, disponíveis até agosto, ajudam a explicar tal comportamento. Eles revelam que o segmento Corporate, assim como os investidores do Poder Público, que normalmente investem seu fluxo de caixa em ativos de curto prazo e com elevada liquidez, lideram o ingresso de recursos no ano, com R\$ 30,4 bilhões. Esse resultado pode explicar, em parte, a concentração dos recursos em fundos mais conservadores.

Já as EAPCs apresentam a segunda maior captação, no valor de R\$ 21,0 bilhões, refletindo a manutenção do interesse das pessoas físicas na formação de uma reserva

► **Captação líquida da indústria mostra recuperação em 2016**

► **Fundos de duração baixa lideram captação na classe Renda Fixa**

► **Redução da taxa de juros deve aumentar demanda por ativos de risco**

previdenciária, seguida pelo Varejo, com R\$ 16,7 bilhões. Nesse último caso, vale notar que a maior parte da captação também se dá em fundos de Renda Fixa de baixa duração, ao que tudo indica, atraída pelo patamar ainda elevado da taxa de juros de curto prazo. Assim, diante da esperada redução da taxa de juros nos próximos meses é possível esperar que os investidores aumentem a demanda por ativos de risco, com reflexos na alocação de recursos na indústria de fundos.

PANORAMA ANBIMA

O Panorama ANBIMA busca identificar e explicar os principais movimentos dos mercados de capitais, renda fixa e fundos de investimento no mês, a partir das informações estatísticas que a Associação reúne em sua base de dados, contextualizando-os no cenário macroeconômico doméstico e internacional.

REDAÇÃO

Antônio Filgueira, Dalton Boechat, Marcelo Cidade e Vivian Corradin
Gerência de Estudos Econômicos

DIAGRAMAÇÃO

José Carlos Oliveira
Comunicação Institucional

COORDENAÇÃO

Enilce Leite Melo
Gerência de Estudos Econômicos

SUPERINTENDÊNCIA DE REPRESENTAÇÃO TÉCNICA

Valéria Arêas Coelho

RIO DE JANEIRO: Avenida República do Chile, 230, 13º andar CEP 20031-170 + 21 3814 3800

SÃO PAULO: Av. das Nações Unidas, 8501, 21º andar, CEP 05425-070 + 11 3471 4200

PRESIDENTE: Robert van Dijk

VICE-PRESIDENTES: Carlos Ambrósio, Flavio Souza, José Olympio Pereira, Márcio Hamilton Ferreira, Pedro Lorenzini, Sérgio Cutolo, Valdecyr Gomes e Vinicius Albernaz

DIRETORES: Alenir Romanello, Celso Scaramuzza, Felipe Campos, Fernando Rabello, José Eduardo Lalon, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Luiz Sorge, Renato Oliva, Richard Ziliotto, Saša Markus e Vital Menezes

COMITÊ EXECUTIVO: José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Valéria Arêas Coelho, Marcelo Billi, Soraya Alves e Eliana Marino

www.anbima.com.br